

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA REVISTA DE TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS:

LISBOA, 5 DE FEVEREIRO DE 1918

ANO II—N.º 39

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO AVANÇADO

ANO... 1240 ESTRANGEIRO SEMESTRE 870 ANO... 3400

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

LARGO BORDAEO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Alagoaria) TEL. 2337-C LISBOA

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO

PARECER APRESENTADO AO GOVERNO

PELO CONSELHO DE TURISMO

O Conselho de Turismo já ha muito que faz figurar no seu programa a regulamentação do jogo como uma forma de se valorizar, entre nós, a industria da vilegiatura, que, ainda na sua fase insipiente, carece de poderosos estímulos para que possa progredir e derramar no paiz os beneficios que dela é licito esperar.

Pensa-se agora na regulamentação do jogo e, assim este Conselho, congratulando-se com tal idea, não pôde perder esta oportunidade de, junto do Governo, manifestar a sua opinião sobre um tão importante problema, exprimindo os seus desejos e as suas aspirações.

É este Conselho, estabelecidas certas restrições e acautelados na medida do possível, os interesses sociais, sobretudo os da familia, a favor da regulamentação do jogo que, pelo menos por enquanto, que a iniciativa particular se manifesta ainda tímida e reservada sobre quasi tudo que se prende com o Turismo, pôde vantajosamente contribuir para o desenvolvimento desta industria, que no nosso paiz tem sobrej os elementos para se converter numa das mais importantes fontes de riqueza publica.

Invoca-se geralmente, como principal causa justificativa da regulamentação do jogo, a impossibilidade da sua repressão.

«Não é possível reprimir o jogo, logo regulamente-se,» tal é a formula dos que assim pensam.

Que valor pôde ter, porém, este ar-

gumento, se aqueles que dele se servem alijitram o estabelecimento de monopólio, e sugerem o funcionamento dum numero fixo de casinos nas localidades em que entendem que o jogo deva ser consentido?

Se a repressão do jogo se torna impossível como evitar os casinos clandestinos?

Pensa este Conselho que a repressão do jogo é indó quanto ha de mais possível, exigindo, porém, o dispêndio de importantes quantias e requerendo o emprego dum numero possível. Todos sabem que, tanto na vigencia do extinto regimen, como agora, sempre que os Governos, se propuzeram reprimir o jogo em Lisboa, a maior parte das casas de tavolagem tiveram de cessar o seu funcionamento, taes eram as dificuldades que a policia lhes creava. Dir-se-ha que, apesar de todas estas dificuldades, sempre em alguns pontos se jogou mas este argumento não convence, porque a sociedade não pôde evitar totalmente a pratica de crimes tendo havido em todos os tempos criminosos, por maiores que sejam as medidas de prevenção e de defeza e mais severos e duros os castigos applicaveis.

Não é portanto, porque considere impossível a repressão do jogo que este Conselho é favoravel á sua regulamentação.

Noutras razões se escuda para a aconselhar e promover.

O jogo, na nossa epoca, não é considerado uma cousa immoral.

Contrariamente ao que sucedia nos tempos da velha Roma e da antiga Grecia não é tido como uma cousa infamante.

É certo que tambem não é proclamada uma virtude como durante muito tempo sucedeu na Holanda a ponto dum pae ser declarado indigno pela opinião publica porque impedira o filho de jogar. O jogo nos nossos dias é simplesmente considerado um vicio deploravel, susceptivel de arrastar aquele que o possui ás maiores degradações. A sociedade lamenta um jogador, não o despreza, senão no momento em que ele, para satisfazer o seu vicio funesto, comete a primeira escroqueria. O proprio Estado, de resto, explorando mais ou menos directamente as loterias, estabelecendo a amortisação de certos títulos, selando as cartas de jogar, e consentindo em determinados jogos veiu dar ao jogo foros de cousa razoavel e justa.

Se isto é assim, porque não ha-de o Estado tirar os mais largos proventos do jogo convertendo-o numa industria legalizada sobre a qual fará incidir fortes contribuições?

Porque é que o Estado ha-de consentir certos jogos e não ha-de permitir outros? Porque uns são de azar e outros não?

Trata-se dum problema melindrosissimo, de cuja solução se deve ter em vista a melhor defeza dos interesses sociais, em que é necessario dispôr

as cousas por forma a evitar que o jogo em vez de se transformar num factor de prosperidade e de riqueza da região onde seja franqueado se transforme num instrumento de miséria e de ruína. Nesta ordem de ideias este Conselho condena o jogo em Lisboa e nas outras capitães de districto, advogando o seu funcionamento apenas nas localidades reconhecidas de turismo, que reúnem todas as condições para que de tal industria se colham os maiores beneficios, com o menor dainho possível.

Permitir o jogo em Lisboa, já num unico casino, já nas actuaes condições, sob a egide do Estado, seria cometer um acto de administração de desastradas consequências.

O Estado, regulamentando o jogo, deve intervir energeticamente com medidas apropriadas para acabar de vez com as numerosas casas de tavola-gem que existem em Lisboa e que sob a aparatosa denominação de clubs, exploram as facéis presas que, ou voluntariamente, ou suggestionadas pelos seus habéis agentes, lhes caem nas mãos.

Em Lisboa, até ha bem pouco ainda, apenas se jogava em certos clubs, aonde a entrada é difficilissima. Nestes centros onde só occasionalmente se jogava, os lucros do jogo constituíam receita da casa, destinada exclusivamente a bemfeitorias e melhoramentos. Mas agora não.

A sombra destas instituições, que existem em todo o mundo civilizado, criaram-se autenticas casas de tavola-gem, pertença dum só individuo ou duma empresa, que só tem um fim em vista: a exploração do jogo.

Os perigos e prejuizos resultantes destas inclassificaveis iniciativas são conhecidos de todos. Se, por enquanto felizmente, poucos suicidios se registam, as burlas, os alcances, os desfalques, as expatriciações por motivos deshonrosos, são num numero consideravel, que excede os calculos mais fantasiosos.

Se o Estado não acode o mais urgentemente possível, com medidas a um tempo energicas e salutareas, para pôr termo a este estado de cousas, grandes males estão reservados á sociedade portugueza. O meio do jogo em Lisboa é um meio vicioso e corrupto. A maior parte dos individuos que jogam não tem fortuna que lhes permita a satisfação de tal vicio. Todavia jogam e jogam fortemente. É frequente ver um modesto empregado de escriptorio ou de secretaria apontar, numa só parada, quantia superior a uns poucos de mezes de ordenado. É isto admissivel? O jogo cria no individuo habitos de dissipação, tor-

na-o pacudario e gastador, adormece-lhe as faculdades, enfranquece-lhe a vontade, mata-lhe a iniciativa, converte-o num ser absolutamente inutil. As noutadas, a atmosfera irrespiravel das salas de jogo, as fortes emoções resultantes da aposta, as alternativas da sorte, as fluctuações da fortuna tornam o jogador irritavel, provocam-lhe um estado de nevrose que o impede de exercer eficazmente qualquer função. Póde-se tolerar um tal estado de cousas? O Estado se por um lado pretende aumentar as suas receitas com as contribuições que pensa fazer incidir sobre o jogo precisa não ser desfalcado por outro, com a ruína, com a miséria, com o exgotamento nervoso, com o depauperamento fisico e moral dos seus cidadãos, facilitando a criação de gafados, de perversidos, de invalidos, de seres absolutamente incapazes para a lucta da vida, dia a dia mais difficil, e cada vez exigindo mais o individuo, faculdades e aptidões.

O que é absolutamente necessario é impedir o jogo em Lisboa, não só pelas razões apontadas, mas ainda porque nos criaria uma situação deprimente perante o mundo civilizado. Seria a unica capital, onde, com a sanção official, o jogo campearia triunfante. Somos pela regulamentação do jogo, mas entendemos que, na escolha dos locais onde ele deve ser consentido, deve haver a maior cautela, para não se criarem situações irreparaveis.

Ess modus in rebus. Portugal póde á semelhança do que tem feito outros paizes permitir o jogo em determinadas localidades fazendo incidir sobre ele fortes impostos.

Mas mal lhe ficaria, — com o seu vasto dominio colonial ainda imperfeitamente explorado, com uma agricultura atrasada e ainda por desenvolver, com jazigos mineiros, quasi abandonados, com quedas de agua mal aproveitadas, com um commercio rotineiro e com uma industria ainda tentando os primeiros passos, com tanta força, tanta energia, tanto recurso ainda por utilizar, — ligar tão intensificadamente os seus destinos ao jogo, lembrando um individuo que tivesse mal marabatao o seu patrimonio e que falho inteiramente de energia e de vontade, exgotado todos os expedientes, pozesse as suas derradeiras esperanças da vida nas contingencias do pano verde.

Fazer de Lisboa, uma cidade de casinos, uma rival de Monte Carlo, seria um grande erro, não querendo este Conselho, de nenhuma forma, contribuir para que ele se cometa.

Em que epochas deve ser consentido o jogo? E em que locais?

A estas perguntas responde afoitamente este Conselho que o jogo deve ser tolerado na epocha balnear e terminal, isto é, de principios de maio a fins de novembro. Duma maneira geral em todas as praias e naquelas localidades de turismo estancias termaes ou outras, onde tal industria não ofereça inconvenientes, dado que determinadas aguas requerem um tratamento especial e exigem um repouso absoluto, sendo por conseguinte incompativeis com o jogo. Neste ponto, este Conselho, faria depender a permissão nas estancias termaes e outras, da resolução do Governo tomada sobre voto favoravel do Conselho de Turismo, e do Conselho Superior do Hygiene.

Para um ponto unico abriria este Conselho uma excepção, facultando que ahi se jogasse durante o ano inteiro. Seria a forma de atrahir extrangeiros ao paiz durante o inverno, epocha em que a industria da vilegiatura, em todas as nações, entra numa fase de menor actividade.

Aspira este Conselho a que a totalidade das receitas do jogo lhe seja attribuida.

Fracamente dotado, com uma vida atribulada e difficil, sem poder, devido á sua má situação financeira, corresponder ás necessidades do paiz, nem satisfazer as constantes e justas reclamações da opinião publica, precisa este Conselho, para desempenhar o seu papel economico de largas receitas, que lhe permitam cumprir eficazmente a sua missão.

Tendo como exclusivo objetivo o desenvolvimento do turismo, poderia este Conselho, devidamente dotado, executar rapidamente a serie de indispensaveis melhoramentos de que o paiz carece para poder, sem desdouro, reclamar-se perante o extrangeiro. Constituindo uma administração autonoma distribuiria, consoante as necessidades, em subsidios, em dotações, em propaganda, na execução de iniciativas proprias e alheias, mas sempre em proveito do turismo, as verbas que do jogo viesse a auferir.

Não tendo ainda sido posto em vigor o sistema da administração autonoma das estradas preconizado pelo Conselho e advogado calorosamente desde o dia em que se instalou, a este Conselho caberia substituir as estradas de turismo, tendo em vista a comodidade dos viajantes e as necessidades do automobilismo.

Sendo este Conselho o orgão receptor e distribuidor das receitas do

jogo, o turismo lucraria duma maneira geral, ao passo que, sendo essas receitas cobradas pelas Camaras Municipaes das localidades onde o jogo seja permitido, verificar-se-ha o inconveniente de só essas estradas apr-

veitarem, ficando muitas outras, como por exemplo Evora, Braga, Santarem, para não citar mais, onde abundam os motivos de turismo, numa inferior situação, visto não existirem recursos para promover o seu desenvolvimento.

de Portugal no estrangeiro torna-se agora indispensavel. Mas não, nunca, de maneira nenhuma que essa propaganda seja o pretexto de dar a maiorias inúteis que sempre aparecem para o caso, centenas e centenas de improductivos escudos. Urge agora e é ver como a Espanha trabalha, como se civilisa, como progride. E' ver como lá fora, a vida roda, cresce, avassala e os povos e as raças vão na guerra já preparando as artimanhas com que hão-de entrar em lucta quando vier a paz.

A PROPAGANDA

PESE a quem pensar Portugal é ainda um paiz quasi desconhecido no estrangeiro. E' que a verba que os outros paizes destinam ao reclamo das suas belezas turisticas, e á sua propaganda industrial e comercial ou não existe entre nós, ou tão irrisoria é que se afunda impropicia e desconhecida.

Ha em todas as razoaveis estações de Espanha e França, onde o caminho de ferro se demora uns minutos, pequenas livrarias, onde se encontram livros de auctor, livros de ler e esquecer, jornaes, e até cartas de jogar para que cada qual durante a eternidade viajeira em que o caminho de ferro roda, possa fazer paciencias ou amenisar, se tem parceiro, uma hiscasinha innocente. Entre nós não ha nada d'isso, nem coisa alguma se pensa fazer. E' por essa razão que ninguém sabe do nosso esforço militar na França e o parisiense ao ver passar um official portuguez quasi sempre o confunde com um italiano ou um grego.

Havia uma revista em Paris. Mas que propaganda fazia se era escrita em portuguez uma lingua que em França não ha talvez mil pessoas que a falem? Não ha, a não trazermos de ma fé o argumento de que é a lingua official do C. E. P. Pois havia muita coisa a fazer para que Portugal fosse conhecido. Como? Abrindo no Boulevard, em Paris, uma casa de artigos portuguezes. Fazendo em Paris uma revistasinha illustrada no genero de «La guerre illustrée», sob a inspiração de portuguezes mas feita por profissionaes francezes. N'uma papelaria do boulevard encontrei eu um lindo bloco calendario assente sobre um cromó representando uma francezinha erguendo triunfante a bandeira portugueza. Era caro, pouco acessivel por isso. Ora se o governo portuguez, a Sociedade de Propaganda ou quem interessado fosse, pagasse metade do custo, os calendarios vender-se-hiam a um preço sem competencia e porque são bonitos e bons seriam os preferidos. Mas havia até utilidade em os dar? Pois dar-se-hiam, a todos os barbeiros, todos os res-

taurantes, todos os estabelecimentos chics os receberiam de graça.

Agora mesmo o meu querido amigo Bento Mantua me lembra que utilisimo á nossa propaganda, e ao nosso nome seria a enviatura de uma companhia dramatica a Paris e algumas cidades da França a representar o fazer conhecido o nosso teatro. Que em Paris não é conhecido o portuguez? Mas tambem entre nós não é conhecido o japonex e já cá esteye a Sada Vacco e a multidão que enche o teatro nas companhias dramaticas italianas a maioria não sabe italiano. Haveria o inevitavel argumento em francez com reclamos de productos portuguezes e de paisagem da nossa terra.

Para constituir o repertorio buscar-se-hiam peças de caracter regional, historicas, algumas comedias, tudo de teatro moderno. Assim, de Marcelino iria *Os Peraltas e Secias*, mesureira, gentilhomesca peça, e de João da Camara *Os Velhos*, alentejo pleno. De Afonso Gaio *O Condenado* e de Julio Dantas *Um serão nas Larangeiras* e *A Ceia dos Cardeaes*. D'ele proprio Bento Mantua *A Mãe Sina* e *A Morte*. De Vicente Amoso a doce *Coimbra terra de amores*. De Augusto de Castro *O amor a antiga*; de Lopes de Mendonça *O Afonso d'Albuquerque*, de Schwalbach *Bisbilhoteira*, de Xavier da Silva e João Bastos *O olho da Providencia*.

Assim, como este repertorio, onde ha de tudo e quasi todos os auctores, o publico francez teria a noção de que Portugal não é no interior da Africa e tem uma literatura e uma dramaturgia que não é vergonha mostrar.

Que isso custa um dinheirão? Balela. Meia duzia de contos fariam a festa e não seriam de todo perdidos. E não seriam porque os recitas sempre dariam algo, mesmo com o belo gesto de oferecer o producto de uma ou duas á Cruz Vermelha Franceza ou aos feridos da guerra, os anuncios nos argumentos algo dariam a assim por pouco dinheiro-se faria uma grande coisa. Mais de que nunca a propaganda

Esta ideia de uma companhia portugueza ir calcurrear as almas a Paris é do ponderar. Haveria de vantagem o reclamo vivo das gerites, do teatro, das peças. O reclamo dos jornaes. O do argumento onde as peças viveriam duradouras, o reclamo dos productos portuguezes, o reclamo de sermos aliados e o reclamo habilmente feito da região portugueza, de casas portuguezas, da arte e dos productos de Portugal. Haveria enfim tudo a lucrar e por pouco dinheiro. Faltava uma creatura idonea para dirigir os vinte dias tudo isso, creatura atilada, superior, homem de arte e homem de negocios? Pois eu, mesmo sem o ter consultado encarregaria o proprio Bento Mantua a quem a França, a Italia e a Inglaterra são familiares.

E' tudo isto uma utopia. Porque? Porque a gente ainda se não capacitou de que é preciso viver a vida grande, larga, a vida com os povos que marcham, que caminham, que progridem.

E é vêr, é vêr como de há uns anos para cá os nossos visinhos espanhoes tem progredido e caminhado...

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cimbra e outras terras do paiz.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

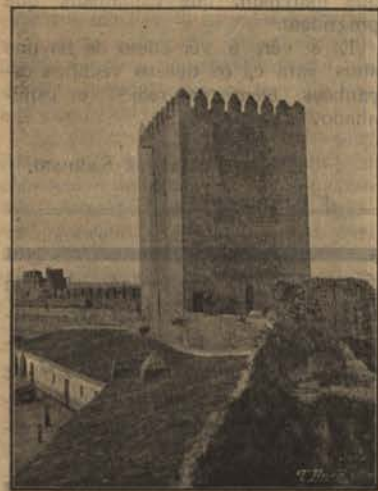
MOURA

BEJA é uma terra feia; a sua paisagem é banal e monotona; e a gente, através das ruas mal calçadas da cidade, parece que é invadida pela tristeza dos montados triqueiros que formam o seu districto.

Mas a Beja está ligada uma das páginas mais belas da nossa historia amorosa e romantica.

Foi ali, no seu velho convento que resou os psalmos mais sagrados do amor a mais apaixonada das mulheres portuguezas: Sorôr Mariana. Pode mesmo dizer-se que esse admiravel espirito de mulher, foi a percursora de todo o romantismo occidental.

Sorôr Mariana, soube amar e — quem sabe! — no desespero febril do abandono, soube até odiar o homem por quem o seu peito ardeu em paixão. Essa mulher trouxe ás outras mulheres portuguezas, o doce condão de saber amar e saber sofrer. Por isso ao atravessarmos as ruas, sem vida, da velha cidade de Beja, o nosso

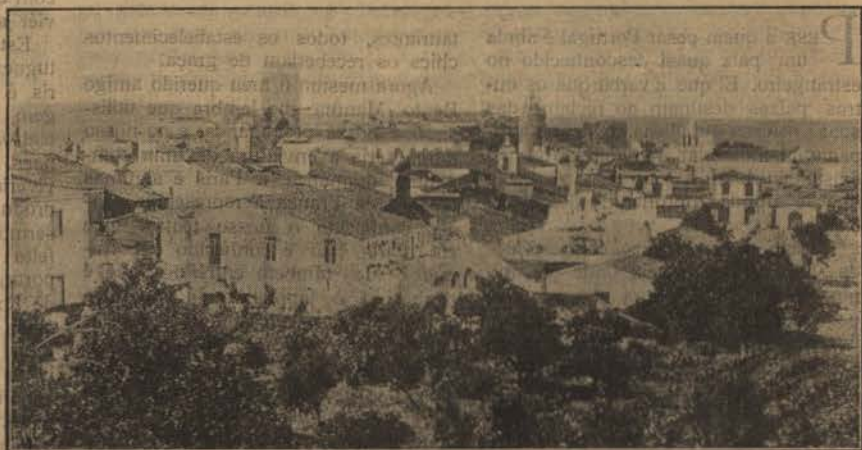


MOURA — O CASTELLO

pensamento fecha-se entre a ceia e janela gradeada d'onde a formosa dama, ia espreitar o cavaleiro da sua paixão incomprehendida.

Mas se Beja não tem esses encantos de natureza que a outras terras é dado, ali a duas horas de comboio, estende-se é sombra melancolica d'um

velho castelo, uma vila nobre, a que anda ligada um acto heroico de uma mulher, cuja imagem se espelha na doçura romantica do olhar das mulhe-



MOURA — VISTA PARCIAL

res que povoam as velhas moradias mouriscas da antiga capital de um reino mouro.

A paisagem dos campos de trigo que na viagem para Moura, cercam Beja, cede lugar a uma tela aspera de olival, que vai cobrindo espessamente o terreno ao aproximarse do Guadiana e dos campos de Serpa.

O Guadiana, ao inverso da alegria do Ave, da magestade do Tejo, e da poesia do Mondego, derrama na sua passagem uma melancolia cheia de beleza e severidade que nos comove.

E assim é, se reportarmos o pensamento a eras longiquas em que fizeram debandar para o exilio a velha raça mourisca, heroica e amorosa.

E até aquelas pedras escuras e lugubres que o rio banha, parecem chorar as moursas encantadas que a lenda alimenta escondidas nas concavidades recatadas do Guadiana triste e taciturno.

A linha ferrea transpõe o rio para a logo mergulhar nos olivedos sem fim, que a energia d'um homem fez plantar na sua ancia de trabalho. Esse homem que na vida se chamou José Maria dos Santos, que foi o homem mais extraordinario trabalhador dos ultimos tempos, cuja energia não tinha limites, e cuja vontade não tinha obstaculos, é um esquecido. Na

vida todos lhe recordavam o nome com o fraco valimento de ter feito das chamecas do Alemtejo, a maior vinha do Mundo, mas sem ninguem lhe enaltecer o valor e a tenacidade de que era dotado, na morte, o extraordinario homem, não passa de um vulgar desaparecido.

Mas não, para aqueles que trabalham e para aqueles que amam quem trabalha, ele — que plantou oliveiras e sobreiros como quem semeia milho,

que plantou vinhas como quem atira trigo á terra — é o simbolo do trabalho nacional.

Transposto o extenso olival, o comboio leva-nos até a vila de Moura, enramada de laranjeiras com o seu castelo mourisco, o seu jardim sempre florido e as suas ruas largas e chãs.

No casario de Moura, pouco resta das antigas mesquistas, mas as casas baixas com os telhados quasi sem declive, são qualquer coisa feita á pressa para esquecer a raça que ali dominou.

As mulheres de Moura, são da cor do barro trigueiro, os olhos ligeiramente obliquos são escuros e resignados como se um luto os envolvesse n'um fundo meditar e n'um recolhimento contemplativo.

Falam pouco, pensam muito. Não riem com medo de mostrar os dentes brancos e solidos, vestem simples, para não aparentarem garridice.

Depois resolutas e decididas, trabalham como um homem de sol a sol. O enfeito para elas é o dia bem ganho. De resto a historia que as envolve é d'um capricho e d'uma tenacidade que arrebatava. Ninguem ali desconhece a historia do braço de Moura; Uma mulher cahida da janela do castelo com a chave da mesquita na

mão. A história é simples e comovente. Saluquia a formosa filha do celebre rei mouro Abu-Assam, ficara de guarda do castelo de seu pae, enquanto ele batalhava longe com o inimigo. Os portuguezes n'uma sortida, conseguiram penetrar no castelo, e então Saluquia, vencida, preferiu a morte, a entregar-se e atirou-se da janela do castelo.

Moura modernamente é um importante centro agrícola, a sua principal riqueza, o azeite, traz empregado por toda a gente da vila; do alto do seu castelo, para qualquer lado que a vista se dilate, uma intensa planura de olivedos cobre a terra a que dá a côr de uma paisagem de chumbo.

Comercialmente não é menos importante, as lojas de fazendas e mercearias, alinham-se em arruamentos seguidos, tão profusas e abastecidas que parece que vem ali prover-se todo o concelho. Mas aparte o caminho de ferro que a liga ao progresso e aos grandes mercados, a vila está afastada da viação ordinaria, pois a passagem do Guadiana ainda se faz como ha seculos, nos rudimentares barcos.

Moura alem das famosas aguas que lhe dão nome, e que correm a largos jorros de tres bicas na base do castelo e donde a vila se alimenta, tem

Sociedade Propaganda de Portugal

«Bureau de renseignements»

PROSEGUEM, com o maior entusiasmo, os trabalhos da instalação do «Bureau de renseignements» que



JAO BEJA - VISTA GERAL

foi ultimamente creado em Paris por iniciativa da Sociedade Propaganda de Portugal; devendo muito em breve ser inaugurada, n'uma das principaes ruas da capital franceza, a sede d'esse posto para informações sobre o nosso Paiz.

O acolhimento que tem sido ali dispensado ao delegado da referida Sociedade, sr. Padua Franco, tem-lhe proporcionado a obtenção de considera-

gal os resultados já conseguidos; e, certamente que outros, de maiores vantagens, virão em breve contribuir para um mais intenso estreitamento de relações com a França.

Convem, porem, nunca perder de vista o principal objectivo d'essa nossa nova representação na grande capital franceza, o qual—segundo se interpreta do programa que lhe foi prescrito—deve consistir em atrahir para Portugal, por todos os meios possiveis, não só a atenção dos francezes, mas inclusivamente da população cosmopolita que habitualmente fluctua pelas ruas de Paris.

Esse será o melhor e mais vantajoso serviço que nos poderá prestar o novo Bureau de renseignements.

Delegação em Vila do Conde

A benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, continuando na senda do cumprimento do seu vasto programa patriótico, acaba de instalar, na interessante praia de Vila do Conde, mais uma das suas delegações. Esse acto foi revestido de grande solemnidade, tendo havido sessão solemne, presidida pelo sr. Dr. Cunha Reis:

Para esse fim foram ali, como representantes da referida Sociedade, os vogaes da sua Comissão Executiva srs. Engenheiro Manuel Roldán y Pego, Architecto Rozendo Carvalheiro e Gregorio Costa.

A direcção d'esta nova delegação ficou composta pelos srs. Alvaro de Carvalho, presidente; Bernardo Magalhães, vice-presidente; Manuel da Silva



A PASSAGEM DO GUADIANA

um moderno estabelecimento de banhos, e um hotel confortavel.

De resto em Moura está-se bem, á parte os mezes de maior calor, quando o sol sem piedade ali dardeja raios de fogo, o ambiente é agradável e salutar. O aspecto das suas casas de uma brancura de arminho, a sua cerca de campos tão tristes e de tradições tão heroicas e comoventes é como uma doce alegria a despertar de um pesadelo.

GUERRA MAIO.

veis vantagens para os nossos compatriotas, devendo especializar-se entre elas as que são concedidas pelos hotéis, cuja lista ainda não está completa, e por diversos theatros. D'estes já obteve bonus, que vão de 20 a 50 %, do teatro Eduardo VII, do Réjane e do Gymnase. Nos hotéis, que já estão em relações directas com o «Bureau», o abatimento feito é de 10 %. Além destas, outras muitas vantagens e regalias espera o sr. Padua Franco conseguir, estando certo de que o Bureau virá a ser dentro em

Pereira, thesoureiro; Carlos Luiz de Sousa e António Evaristo dos Santos, secretários; Thadeu Pereira Neves e Alfredo do Amaral Correia, vogaes.

E' mais um valioso serviço que a Propaganda de Portugal vem de prestar á causa do turismo em o nosso paiz, e de esperar é que a ação d'esta nova entidade se desenvolva e produza os resultados benéficos correspondentes aos augúrios com que foi creada.

Não obstante a sua proximidade com a Povoia de Varzim, Vila do Conde possui atractivos mais do que suficientes para se tornar uma das mais procuradas praias de Portugal; e isso não será difícil de conseguir, empregando-se um pouco de trabalho, de boa-vontade e de patriotismo.

AUTOMOVEL CLUB DE PORTUGAL

O Automovel Club de Portugal acaba de iniciar, com a edição relativa a 1917, a publicação do seu anuario.

O exemplar que temos presente é um interessante volume de duzentas paginas, recheado de indicações uteis para todos os automobilistas; constituindo, ao mesmo tempo, um inestimavel serviço que esse importante Club presta ao turismo nacional.

A falta em o nosso Paiz d'uma publicação d'esse genero, de ha muito se fazia sentir, pois só uma entidade com a competencia do A. C. P. se poderia desempenhar do arduo trabalho de compilação dos elementos indispensaveis a viagens em automobilismo.

Com inteira satisfação registamos este facto, cumprindo-nos agradecer a gentileza da oferta que nos foi feita.

PORTUGAL EM CINEMA

DEVE chegar a Lisboa no principio do proximo mez um operador da casa Pathé, de Paris, a fim de cinematographar as nossas paisagens e monumentos; ou seja completar a reportagem animada iniciada no ano passado pela casa Gaumont.

D'esta vez, o cinematographo estender-se-ha á Serra da Estrela, a Miranda do Douro, onde ha costumes regionaes interessantissimos, ás arribas alcantiladas do Tua e do Douro, e a outros pontos interessantes do nosso Paiz.

ESTRADA DE MONCHIQUE

ESTÁ muito adiantada a construcção da estrada de Monchique, pela serra do mesmo nome, para a estação do caminho de ferro de Pereiras, na linha do Sul.

Esta estrada, principiada ao tempo da abertura á exploração do caminho de ferro, destinava-se á estação de Saboia, que durante muitos anos teve o nome de Saboia—Monchique, mais tarde porem reconheceu-se o erro de faze-la descer tanto Saboia fica na vertente da serra, e adoptou-se que ella fosse a Pereiras, a 8 kilometros ao sul daquela estação e em plena serra, poupando-se assim alguns kilometros de percurso e uma grande deslocação de nivel.

A estrada já está concluída até ao limite da provincia do Algarve, faltando apenas uns kilometros para chegar a Pereiras, que estamos certos dentro em pouco estarão concluidos.

Esta estação que fica distante de Monchique 22 kilometros, formará com a que desta vila se dirige ás Caidas de Monchique e a Portimão uma linda estrada de turismo, pois do seu percurso gosa-se permanentemente um vasto e atraente panorama.

AS NOVAS LINHAS ELECTRICAS DE LISBOA

JÁ circulam pela rua da Prata os electricos, e dentro de um mez ou de dois, circularão tambem pela rua dos Fanqueiros em sentido descendente.

Por estas ruas circularão os carros do Arco do Cego, Arriero, Intendente e Almirante Reis; aliviando-se desta forma o transito pela rua Augusta e pela rua Aurea.

A Companhia Carris para o perfeito serviço da sua viação, tem ultimamente posto em pratica medidas de largo alcance, embora os seus encargos sejam elevados. Haja em vista as duas grandes passagens da Avenida da Republica, sob a linha de circunferencia que custaram uma soma bastante avultada.

Mas pôz de parte o embaraço da passagem de nivel em Entre Campos, o que representa um melhoramento importante.

Outro problema, supomos, prende a atenção da Companhia, ha bastantes anos é o desdobramento do transito da rua do Arsenal, que como toda a gente sabe, é o maior embaraço da viação de Lisboa.

Supomos que a mudança do Arse-

nal para a Outra Banda, está para as calendas gregas, e por isso nos parece, que a melhor solução para agora seria o tunel do Pelourinho á Travessa do Cotovelo.

E' uma obra difficil e cara? Talvez. Mas de muito mais pratico resultado e mais barato que a famosa arcada da rua do Arsenal, que em tempos se quiz fazer.

O tunel, acabaria com a sahida da calçada do Ferregial para a travessa do Cotovelo, mas poder-se-hia em compensação, fazer uma descida para pedes por meio de uma escada como se fez na Avenida Duque de Loulé para a rua de Santa Martha. E nivelar a fachada do Arsenal, cortando-lhe a saliencia do portão, não seria tambem um bom melhoramento? A juntar aquele? Parece-nos que sim.

A despesa a fazer com uma e outra obra podia muito bem ser paga entre a Companhia Carris e a Camara Municipal.

Uma e outra lucravam pela facilidade e rapidez com que a viação se faria.

THEATRO MODERNO

ESTE elegante theatro do bairro dos Anjos, está sendo transformado em moradias particulares.

Isto deve-se á falta de concorrência que elle tinha por estar muito afastado da Baixa.

Lisboa, tem mais theatros que Paris, e que Madrid atendendo á população das tres capitães, por isso o Theatro Moderno nenhuma falta vem fazer ás diversões de Lisboa.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 2.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Capas para encadernar o 1.º ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordoal-Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandamos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1810 (mil e cem réis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 réis).

ARTE E LITERATURA

COTOVIA

Fôsse esta noite o infinito instante
Em que ficassem para sempre unidos
O futuro distante
E os tempos idos!

(Debruça-te um pouco e olha
Os meus olhos, meu amor...)
Fôsse ela a rosa que se não desfolha,
Botão perpétuo, entre-aberta flor!...

Fôsse ela a aza leve e palpitante
— Que não descesse mais, nem mais subisse —
Dum rouxinol de voz maravilhante
Que nunca, nunca se extinguísse!...

(Da-me outro beijo como êsse.
E sorri. Sorri assim...
Ai se o tempo se esquecesse
De ti meu bem, e de mim!...

(Não rias alto, Maria,
— Retiraste o braço! Dót-te?... —
Não rias que a cotovia
Não canta nunca de noite)

Fôsse o silêncio musical que sinto
Eterno abraço, carinhoso cinto,
Aprisionando o amor entre ambos nós!...

(Não rias Maria,
Que a luz dessa voz
Atrai a do céu...)

Eu bem to dizia!

Bem te dizia eu,
Inquieta cotovia,
Cabecinha vã...

A tua voz fez acordar o dia.
Olha: já é manhã!

A CHUVA CAÍA...

AO AMANDIO BAPTISTA DE SOUSA

I

A frouxa luz da tarde esmorecia.
Era d'ardósia e oiro todo o poente.

E a chuva caía,
Monotonamente...

O crepúsculo entrou; encheu a sala...
Ao fundo, as altas chamas do fogão
Vibravam numa palpitante escala,
Numa anciosa e trémula ascensão
De tons de coralina e tons d'opala.

II

Falámos sobre o amor em frases vagas,
Sem alusão directa ao nosso amor,
Como quem quer poupar as duas chagas,
Tocando neias, uma inutil dôr...

Tomete as frías mãos por uns instantes,
Cingi-te, leve, ao coração, depois.
Mas como nós estávamos distantes!
Havia o infinito entre nós dois!

Tornára-se o silêncio mais silente
E o que o nosso olhar não exprimia
Era o próprio silêncio inconfidente
Que no-lo segredava e repetia
Monotonamente...

Monotonamente,

A chuva caía...

Trouxeram luz. Cavou-se mais, então,
Entre o teu ser e o meu, a solidão...

Tanta e tão grande foi, que parecêra
Que todo o escuro que na sala houvera

Se condensara num cerrado véu
E enrolando-se a nós, nos envolveu

Num grande luto soluçado e fundo
De encher mil vidas, comover o mundo...

IV

Disse-te adeus. Beijei-te sorridente.
Adeus! disseste; e o teu dizer sorria.

Monotonamente,
A chuva caía...

Mas logo num acesso repentino,
Em nossos olhos irrompeu um pranto
Despedaçante, intermimo, assassino...

Pranto que quando as fontes lacrimais
Se ficam secas de chorarem tanto,
E a alma que chora mais e mais

E mais e ainda, e sempre de tal sorte
Que fica a soluçar — até à morte...

V

O amor, flo d'aranha quebradiço,
Um sôpro o quebra e ninguém mais o reata.
Mas aí de nós! Rompeu-se e nem porisso
A dôr que êle nos deixa se desata.

Num abraço de corpos naufragados
Que os nossos prantos num só pranto unia,
Quedámos sucumbidos e prostrados
Até que já no céu luziu o dia

...Um dia pálido e deliquiscente.

E a chuva caía,
Mais triste, mais fria,
Monotonamente...

DO LIVRO 'SOMBRA DE FUMO'
DE AUGUSTO GIL

UMA "CASA PORTUGUEZA," NAS AZENHAS DO MAR

Muitos dos nossos leitores por certo conhecem a linda povoação que tem por nome «Azenhas do Mar», colocada á beira do Oceano, e que é um dos mais pitorescos rincões de Portugal.

Quem vai a Cintra, geralmente, também vai á Praia das Maçãs, mas, poucos seguem a estrada, á beira do

a, aos altos pincaros onde, de um dos lados laços que forma a pequena angra, se veem como encrostradas pequeninas casinhas, polychromadas de branco, azul, verde e encarnado, a destacar do tom sombrio das rochas!

E' n'esse local que se vai construir a linda «casa portuguesa», que publicamos, a par de outras, também bo-

creveram achamos uma profanação sem nome nem qualificativo.

Mais feliz foi Eça de Queiroz, que achou quem defendesse a sua obra de tão grande vandalismo.

Ao menos alguma cousa se salvou.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOÁ

MUSEU DE ARTE ANTIGA, as Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA, Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carino, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratas.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas-feiras, que está fechado, apenas á franqueado á estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea, Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES, Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO, Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusive domingos só se exceptuando ás segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU NVMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO, Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as feiras, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOAQUIM BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 11 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

MUSEU TIPLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala, 50, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15, instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.



mar, que vai ter á pitoresca povoação de que nos ocupamos.

E, comtudo, que linda e surpreendente vista maritima se disfruta naquelle pequeno percurso?!

Ao fim d'ele, á vista deslumbrada queda-se nas altas penedias sobranceiras ao mar, alongando-a até ao espaço infinito do horisonte e voltando-

nitas, que já se veem, não só no local, como na estrada que lá vai dar.

E' auctor do projecto, um rapaz ainda muito novo, o sr. Raul Martins, cujo bom gosto artistico já se tem revelado n'outros trabalhos e a quem o futuro reserva os louros dos artistas consagrados.

UMA PROPAGANDA INTERESSANTE

Uma importante livraria Lelo & Irmao, do Porto, vem ha dois anos publicando mensalmente um volume, lindamente encadernado, de uma collecção de romances escolhidos entre auctores nacionaes e estrangeiros com o fim louvavel de vulgarisar as suas obras. Mas a divulgação estende-se também ás nossas paisagens, aos nossos monumentos e aos costumes regionaes do nosso paiz, que fiel e artisticamente veem embelezando as guardas dos mesmos volumes.

As zincogravuras são a reprodução

de desenhos á pena, de Manuel Lopes, um artista de grande merecimento embora pouco conhecido.

Louvamos a acção patriótica dos senhores Lelos, e ao mesmo tempo lamentamos que esses interessantes livrinhos, nos deem, ao abril-os, vontade de acoirar os seus editores com palavras desagradaveis, pela pouca consideração que tem para com os auctores d'essas obras, mudando-lhes a orthographia.

Somos partidarios da simplificação da orthographia, por acharmos que ella fará desaparecer um tanto o classico analfabetismo nacional, mas irremediavelmente o que Camilo, o que Garrett es-